

Reflexões sobre o desenvolvimento latino americano

Annahid Burnett

Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba – PPGDR/UEPB. Doutora em Ciências Sociais; Mestre em Sociologia; Licenciatura em Sociologia. Autora de *Vozes femininas* (EDUFPE, 2019), *A saga da Algaroba* (NEA, 2018) e *Vozes da Sulanca* (NEA, 2016).

Fernando Nazareno

Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba – PPGDR/UEPB.

Resumo: A evolução histórica das economias das metrópoles e das colônias ao longo dos processos de expansão/dominação capitalista envolveu mais do que tentativas de criação de novos mercados, tão essenciais à perpetuação do Capitalismo. O objetivo principal deste artigo é refletir, a luz das Teorias do Imperialismo e da Dependência, sobre os aspectos da colonização latino-americana, desde as primeiras expedições europeias ao Novo Mundo até o atual modelo neoliberal dominante nas Américas. Adotaremos metodologia baseada em narrativas de relatórios técnicos, publicações acadêmicas, jornais, livros e revistas especializadas. Refletimos sobre um panorama latino-americano, dando ênfase aos dados do Brasil. Concluímos que a indústria latino-americana tem hoje o maior desafio de sua história, sobreviver num mercado mundial, de comunicações instantâneas e de capital volátil.

Palavras-chave: Desenvolvimento; América Latina; Capitalismo; Metrôpoles; Colonização.

Abstract: The historical evolution of the economies of the metropolises and colonies throughout the processes of expansion / capitalist domination involved more than attempts to create new markets, so essential to the perpetuation of Capitalism. The main objective of this article is to reflect the aspects of the Latin American colonization from the first European expeditions to the New World to the current dominant neoliberal model in the Americas. We will adopt methodology based on narratives of technical reports, academic publications, newspapers, books and specialized magazines. We will analyze a view of the Latin American panorama, with emphasis on data from Brazil. We conclude that Latin American industry has today the greatest challenge in its history, to survive in a global market of instant communications and volatile capital.

Keywords: Development; Latin America; Capitalism; Metropolis; Colonization.

As armas¹ e os barões² assinalados,
Que, da occidental³ praia lusitana,
Por⁴ mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Tabrobana⁵,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino⁶, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas⁷
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas⁸
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Camões, Luís de. *Os Lusíadas*⁹

Introdução

A evolução histórica das economias das metrópoles e das colônias ao longo dos processos de expansão/dominação capitalista envolveu mais do que tentativas de criação de novos mercados, tão essenciais à perpetuação do capitalismo, mas toda uma história de exploração das riquezas nativas das colônias, além obviamente da política de dominação e liquidação dos valores culturais e religiosos dos nativos. É por demais conhecido o episódio dos colonizadores espanhóis que ergueram a ca-

1 *Armas* – feitos militares.

2 *Barões* – varões – *Armas e barões*: varões aguerridos.

3 *Da occidental praia lusitana* – de Portugal, por se achar mais a ocidente da Europa.

4 *Por mares nunca de antes navegados* – mares que não haviam sido navegados antes dos portugueses. Note-se a separação *de antes*, nem sempre observada nos que citam este verso.

5 *Tabrobana* – nome antigo da ilha de Ceilão, ao sul da Índia.

6 *Novo reino* – o império português na Ásia e na África. A fundação de um novo reino na Índia desencadeará contra os portugueses a perseguição do deus Baco, pois este deus era ali celebrado até então.

7 *As memórias gloriosas / Daqueles reis* – os reis de Portugal, de Afonso Henriques ao tempo do poeta, os quais foram dilatando, primeiro a Fé, depois o império (note-se a precedência da Fé sobre o Império).

8 *Terras viciosas* – entenda-se: *habitadas pelo gentio, não cristão*.

9 *Notas da edição de Os Lusíadas de Luís de Camões, Edição Comentada da Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1980.*

tedral cristã na praça principal da cidade do México, em cima das ruínas do templo asteca (RIBEIRO, 1995). Quando a América Latina foi colonizada pelos exploradores espanhóis e portugueses, os aspectos de usurpação das riquezas nativas foi o preponderante em toda a saga dos colonizadores. Neste aspecto, a América Católica, resultado das invasões espanhola/portuguesa tiveram aspectos bastante diferentes da colonização norte americana. Enquanto ingleses e franceses chegaram às terras hoje denominadas Estados Unidos e Canadá com o objetivo de construir o chamado Novo Mundo, a América Católica foi saqueada por seus colonizadores.

O objetivo principal deste artigo é refletir sobre os aspectos de colonização latino-americano desde as primeiras expedições europeias ao Novo Mundo até o atual modelo neoliberal dominante nas Américas. Ao longo do processo histórico as lutas pela posse da terra sobretudo na América Latina, moveram os sonhos de colonizados e colonizadores. As tentativas de Reforma Agrária na Guatemala, só para citar um exemplo, foram esmagadas pelos colonizadores Ingleses que tratavam a parte latina da América a ferro e fogo, com o único objetivo de exploração das riquezas, enquanto na Nova Inglaterra promoviam um esforço de criação de uma indústria local (GALEANO, 1976). Para finalizar o artigo, é nossa intenção apresentar alternativas ao desenvolvimento latino-americano sob a ótica das lutas republicanas no continente, no sentido de criar seu próprio modelo de desenvolvimento apesar das pressões coloniais. Neste aspecto “um tango argentino nos cai bem melhor que um blues” (BELCHIOR, 1973).

Metodologia

Adotaremos metodologia baseada em narrativas de relatórios técnicos, publicações acadêmicas, jornais, livros e revistas especializadas. Utilizaremos dados oficiais publicados pelo setor público, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização dos Estados Americanos (OEA), Ministério do Planejamento do Brasil, Relatórios Econômicos Anuais da Confederação Nacional da Indústria (CNI) do Brasil, além dos Relatórios Técnicos do Banco do Brasil e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Faremos uma reflexão do panorama latino americano, dando ênfase aos dados do Brasil, visando traçarmos um painel do nosso desenvolvimento a partir de modelos nacionalistas, se é que é possível pensar-se nesta alternativa, face à dominação imperialista neoliberal em escala mundial.

Breve perfil do desenvolvimento na América Latina

A América foi “descoberta” por duas frentes no mesmo período histórico, na última década do século XV e primeira década do século XVI. Em verdade, essas “descobertas” de fato marcam o início da presença colonizadora europeia no chamado Novo Mundo, havendo inclusive o equívoco geográfico dos desbravadores de pensarem ter chegado a Índia. Aqui encontraram povos nativos em grandes quantidades, quer os ameríndios norte-americanos de diversas tribos e etnias, aos povos da América Central como os povos Maia e Asteca, civilizações bastante evoluídas sob os pontos de vista de organização social, até a utilização de ferramentas tecnológicas para a agricultura. Na Cordilheira Andina, além da presença dos Incas, havia centenas de outras tribos espalhadas de norte a sul. Do lado oriental do continente sul americano, havia tribos das mais diversas etnias espalhadas pelos territórios hoje ocupados por Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil.

Em 1492, o navegador Cristóvão Colombo, financiado pelos Reis Católicos da Espanha que viam nas grandes navegações a única saída para manter o crescimento de sua economia, graças à expansão capitalista, aportou na “Ilha Espanhola”, território que hoje é ocupado por dois países, República Dominicana e Haiti. Quatro anos depois, o navegador Bartolomeu Colombo, irmão de Cristóvão, fundou a cidade de Santo Domingo, primeira cidade do Novo Mundo e que hoje é a capital da República Dominicana. Nesta “ilha espanhola” os exploradores europeus decidiram desenvolver uma agricultura para atender aos mercados da Europa, daí porque a primeira prioridade de cultura agrícola foi o tabaco, seguido da cana-de-açúcar (MOTA, 2005), baseadas fundamentalmente no trabalho escravo. A partir daí define-se uma política de colonização, baseada unicamente no propósito de exploração dos recursos naturais visando atender os interesses e demandas da metrópole (COLOMBO, 2005), estabelecida na exploração das populações nativas, as quais ou eram subservientes ou seriam vítimas da violência dos exploradores, os quais dispunham de equipamentos bélicos muito mais eficientes e tecnologicamente desenvolvidos do que os nativos, aliado à importação de mão-de-obra escrava do território africano. A violência do colonizador espanhol disseminou-se a partir da América Central em direção ao sul do continente, nos territórios que hoje são ocupados por Bolívia, Peru e Chile, como uma verdadeira onda exterminadora das civilizações nativas.

No mesmo período, final do século XVI e início do século XVII, houve três tentativas de “descoberta” da América do Norte. O navegador inglês Sir Walter Raleigh aportou nas terras norte-americanas e foi brutalmente rechaçado pelos po-

vos nativos em 1584 e 1587. Posteriormente, em 1607, foi vitorioso em sua incursão, ocupando o que hoje é o território da Virgínia (terras batizadas com esse nome em homenagem à irmã da Rainha Vitoria que era solteira). Ao território da Virgínia foram anexados posteriormente Geórgia, Carolina do Norte e do Sul, Maryland e Delaware. Também aí havia o interesse do colonizador inglês no sentido unicamente da exploração agrícola e de recursos minerais, nos mesmos moldes dos colonizadores espanhóis e portugueses. Paralelo a este processo exploratório, havia um outro processo político, este muito mais virtuoso, formado por colonizadores europeus, em sua maioria ingleses, que fugidos das perseguições religiosas na Europa, tinham como interesse não a exploração econômica e o abastecimento da metrópole com produtos das colônias, mas seus maiores objetivos eram criar um Novo Mundo, de fato, onde pudesses se estabelecer, viver e prosperar com suas famílias. Neste contexto foram estabelecidas as chamadas “Treze Colônias” fundadas para a criação dos Estados Unidos como Nação, com papel fundamental no processo de Independência (WOOD, 2013).

Sendo assim, vemos que a história e, por conseguinte, a economia americana começou a desenvolver-se em diferentes meios e situações. Muitos autores enxergam aí a origem da prosperidade norte americana e o subdesenvolvimento da América Latina. Em que pese o fato dessa colonização formada por refugiados e não emissários da Metrópole Inglesa, houve também um considerável fluxo migratório de colonizadores à moda colonial, isto é, formada por aventureiros, prostitutas, degredados, mulheres vendidas como esposas dos colonos nos melhores moldes escravagistas, tudo isto patrocinado pela Coroa Britânica. Se a corrente de religiosos protestantes foi vitoriosa nessas terras, fazendo valer seus modelos econômicos e sociais, não foi por benevolência do Império Britânico. De qualquer forma, essa origem das duas correntes de colonizações são as responsáveis pelos modelos que ainda hoje predominam em nossa região e que serão aqui analisados.

A ISO 3166-1 estabelece as definições de países segundo critérios geográficos, demográficos, econômicos, sociais, militares e ambientais. De acordo com esses critérios, o mundo tem 257 países, dos quais 35 estão espalhados pelo continente americano. Além desses 35 países, temos 17 territórios, os quais pertencem aos Estados Unidos, França, Reino Unido, Países Baixos e Dinamarca. Obviamente os territórios têm suas atividades econômicas ligadas aos interesses das Metrôpoles, as quais, em sua esmagadora maioria, determinam o turismo, as atividades bancárias como pilares de suas economias. Pela importância estratégica e econômica dessas nações, as quais, muitas vezes têm populações inferiores a 100 mil habitantes, daremos menor ênfase aos seus estudos.

A América do Norte, por sua importância geopolítica, formada basicamente por dois grandes países, Estados Unidos e Canadá, não serão objeto dos nossos estudos. Nosso interesse reside na América Latina continental, formada pelos países de língua espanhola e portuguesa. Vamos refletir sobre seus aspectos sociais e históricos a luz das diversas correntes do pensamento marxista, de Rosa Luxemburgo e a sua Teoria do “Imperialismo e Acumulação de Capital” e de Fernando Henrique Cardoso e sua “Teoria da Dependência”.

Em finais do século XV e começo do século XVI, havia uma grande necessidade dos impérios europeus, sobretudo o português e espanhol, encontrarem o caminho marítimo para as Índias. Naquela época, toda a demanda por especiarias como pimenta, açafrão, gengibre, canela e outros temperos, nesses dois impérios, eram atendidas por comerciantes de Gênova ou Veneza, no norte da Itália, detentores do monopólio do comércio destes produtos na Europa, graças ao domínio que tinham sobre o Mar Mediterrâneo e a exclusividade do comércio com os árabes, responsáveis pelo contato com os centros produtores dessas especiarias (NÓBREGA, 2005). Encontrar um novo caminho para as Índias significaria a possibilidade de cortar os intermediários e conseqüentemente baratear esses produtos, além de obviamente a possibilidade de acúmulo pela venda dessas especiarias. Pertence a Portugal o pioneirismo na expansão marítima. Lá, através da Escola de Sagres, se desenvolveu a tecnologia necessária para a aventura de lançar-se ao Oceano, sobretudo o Atlântico. Portugal monopolizou a tentativa de encontrar uma rota para as Índias contornando a costa africana, cabendo a Espanha tentar encontrar o caminho cruzando o Oceano Atlântico, que à época tantos temores despertava em função de lendas, entre as quais destacavam-se os monstros marinhos e as águas extremamente aquecidas. Dentro deste contexto, Portugal rejeitou o projeto do navegador Cristóvão Colombo, cabendo à Espanha encampá-lo e financiá-lo no sentido dessas navegações para o leste, numa busca do “caminho para as Índias”.

Obviamente Portugal logrou êxito em sua investida pela costa da África, através do navegador Vasco da Gama, o que praticamente deixou o Novo Mundo nas mãos dos espanhóis, tanto que posteriormente financiaram a expedição de Pedro Álvares Cabral que chegou ao Brasil em 1500, mas só começou a ser explorado trinta anos depois, posto que o comércio com as Índias era muito mais rentável. O Reino da Espanha não encontrou as Índias, contudo descobriu imensidões de terras no que chamaram Novo Mundo. A princípio, quando se estabeleceram no que hoje denomina-se República Dominicana, passaram a cultivar tabaco e cana-de-açúcar. Intensificaram a importação de escravos da África para suprir a escassez de mão-de-obra. Começaram a desenvolver uma agroindústria incipiente, com a produção de

rum em alambiques rudimentares ali desenvolvidos, açúcar, além da produção de fumo em rolo, para atender o mercado europeu, o qual tinha grande demanda por esses produtos. O acaso (versão de uma parte dos historiadores) tirou as especiarias indianas dos espanhóis, mas deu-lhe o que Rosa Luxemburgo, séculos depois classificaria como “landnahme”, a tomada, ocupação e saque de um território estrangeiro (LUXEMBURGO, 1976).

Com essas conquistas os desbravadores espanhóis atingiram o que o marxismo aponta como solução para as crises cíclicas do capitalismo, provocadas pela necessidade de “demanda adicional, vinda de fora, de terceiros sendo que estes terceiros só podem ser encontrados fora do capitalismo, nos pontos não capitalistas do mundo” (SCHUTRUMPT, 2015 p. 94). Em seguida à ocupação da “Ilha Espanhola”, atual República Dominicana e Haiti, os espanhóis buscaram terras mais a oeste e conseguiram chegar ao continente. Inicialmente ocuparam o que hoje se chama México, chegando a travar guerras por fronteiras com os desbravadores ingleses do Norte e, aproveitando a oportunidade de terem chegado a um território timidamente ocupado por nativos, com pequenas exceções onde se concentravam os Astecas e Maias nas áreas hoje ocupadas por México, Guatemala, Costa Rica, descendo até o norte do Peru.

A descida dos espanhóis continente abaixo, sobretudo por terras andinas, segue fielmente o princípio maquiavélico “**De Principatibus novis qui armis propriis et virtute acquiruntur**” (Dos principados novos que são conquistados mercê de armas próprias e valor), pois que se deu por um banho de sangue dos nativos, onde populações inteiras eram dizimadas e/ou escravizadas. Seus valores culturais na maioria dos casos eram violentamente esmagados. Essa ocupação avassaladora deu-se a partir da religião, onde os colonizadores trouxeram o cristianismo em detrimento dos credos locais, fazendo com que valores religiosos dos nativos passassem a ser considerados crimes, sobretudo as religiões maias e astecas que cultuavam o sol, a lua e a natureza em geral. Os colonizadores viveram aí a situação que Maquiavel descreve em *O Príncipe*, citando Justino e sua *Historiae Phillipicae*, como “**quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum**” (para reinar, nada lhe faltava senão o reino). Este fora encontrado (MAQUIAVEL, 1988).

O imperialismo espanhol desenvolveu-se no continente sul americano de forma avassaladora, eram muitas terras e culturas diversas, que foram dominadas e hegemônicas segundo os valores e interesses da metrópole. A exploração da mão de obra local conseguiu ser mais efetiva do que em outros lugares, de modo que a importação da mão-de-obra escrava se deu em menores proporções, sobretudo no continente. A exploração de riquezas naturais se deu de forma vigorosa, com o látex

na Amazônia hoje peruana, o café na atual Colômbia, recursos minerais na atual Bolívia e muito cobre no atual Chile. Na mesma época deu-se a colonização brasileira. Os portugueses, que a princípio preferiram dirigir seus interesses econômicos para o comércio com as índias, graças a Vasco da Gama, mas que haviam financiado Pedro Álvares Cabral, a partir de 1530 resolveram ocupar suas terras no Novo Mundo. A princípio implantaram o mesmo modelo imperialista Espanhol, com cultivo de produtos agrícolas baseados na mão de obra escrava, e nos recursos minerais. As atividades do imperialismo luso-espanhol visando unicamente a exploração das terras descobertas, pode ser um dos males e que afetam a região até hoje e constituiu-se numa das grandes causas do subdesenvolvimento e da dependência da América Católica. Obviamente há muitos outros fatores políticos, sociais e principalmente econômicos, ao longo desses cinco séculos que nos torna uma região carente de autodesenvolvimento, dependente do capital externo, endividada e dominada por diferentes metrópoles ao longo da história.

As bases do subdesenvolvimento sul americano estão alicerçadas basicamente no que acima foi descrito. A partir daí, vivemos o chamado “Desenvolvimento do Subdesenvolvimento” (FRANK, 1966), onde segundo algumas correntes do pensamento econômico, entre elas, a liderada por Andre Gunder Frank, o subdesenvolvimento nas regiões periféricas é consequência do desenvolvimento nas regiões centrais, as metrópoles. Embora essa tese se baseie em fatos históricos irrefutáveis, termina restando às nações subdesenvolvidas duas opções bastante radicais: aceitar a fatalidade de que no capitalismo alguém tem que perder, ou seja, existem pobres porque existem ricos, e nesta situação necessária à acumulação dos ricos, obviamente o número de pobres tem que ser esmagadoramente maior do que o número de ricos, posto que a formação dessas riquezas é baseada na exploração do homem pelo homem. Segundo essa corrente de pensamento, não há outra alternativa aos povos periféricos a não ser partir para a revolução. A partir daí se destruiria um sistema antigo, ultrapassado e opressor para se estabelecer uma nova Ordem Econômica, baseada em modelos próprios de cada país, que certamente levariam em conta as vocações econômicas, recursos naturais, condições climáticas para a produção agrícola, etc. (FRANK, 1966).

Um aspecto interessante de se observar no desenvolvimento da América Latina pós-colonial, é a grande concentração de populações descendentes de indígenas na América Espanhola, contra um maior número de negros e seus descendentes na América Portuguesa. No Brasil, os maiores contingentes de descendentes de povo indígenas estão concentrados na Amazônia, que por sinal é a região menos populosa. Apesar de parecer um aspecto pouco importante, na verdade há correntes aca-

dêmicas que tentam justificar essa falta de motivação revolucionária nos aspectos antropológicos que compõem a nossa formação. Independentemente de correntes de pensamento, o ponto é que ao longo da formação do nosso continente, e as consequentes divisões do território por Nações, aconteceram muito mais movimentos revolucionários na América Espanhola do que na Portuguesa. De Emiliano Zapata no México a Simon Bolívar a partir da Venezuela e chegando a Argentina, passando por Tiradentes no Brasil, muitos revolucionários tentaram fazer seus Movimentos de Libertação. A História confirmou que se alguns desses movimentos lograram êxito com relação à questão política, com a Declaração de Independência das Colônias com relação às metrópoles espanhola e portuguesa, a verdade é que essa “declaração de independência” não foi decretada em relação a Economia. Continuamos a depender dos investimentos das metrópoles e a ter uma economia baseada no sentido de atender suas demandas. As colônias políticas continuaram a ser colônias econômicas.

A história do nosso desenvolvimento econômico foi consentida, não realizada. A partir dessas demandas das metrópoles e de características locais, Gunder Frank listou algumas cidades e regiões na América do Sul que chegaram a viver um desenvolvimento econômico baseado na industrialização. Ele cita nominalmente Tucumán e Assunção, no Paraguai, Mendonza e Rosário na Argentina, Antioquia na Colômbia, Puebla e Querétano no México e São Paulo, no Brasil. Em todas elas, apesar de ter-se criado uma ilha de prosperidade, criaram-se também ilhas de pobreza, sobretudo em função das correntes migratórias que deixaram o campo e as pequenas cidades para tentar a vida nessas regiões que teoricamente tinham mais oportunidades para todos. Se por um lado passamos por essa realidade na área industrial nos grandes centros, no campo, onde inclusive a população era majoritária em todos os países sul americanos até a primeira metade do século XX, houve uma verdadeira política de “terra arrasada” a partir das metrópoles europeias. As terras, foram transformadas em grandes latifúndios voltados para a exportação. Esse fenômeno foi vivenciado de maneira muito agressiva em países como o Brasil, que explorava culturas para exportação, tais quais, cana de açúcar, tabaco e cacau. O mesmo fenômeno ocorreu na Argentina, México e Colômbia, apenas para citar alguns.

Em todos esses países, se surgissem tentativas de experimentar um modelo de desenvolvimento nacionalista, imediatamente as metrópoles punham-se a postos para esmagar o movimento. Fato histórico muito conhecido foi a chamada Guerra do Paraguai, onde na verdade o que houve foi uma reação da metrópole inglesa que, patrocinou as investidas da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) no sentido de destruir uma próspera civilização paraguaia que começava a surgir. Ou seja,

por mais que tentemos ser otimistas e achar que podemos encontrar nossos próprios modelos de desenvolvimento, a Teoria de Gunder Frank nos atinge. Somos subdesenvolvidos porque as metrópoles são desenvolvidas. Essa periferia sempre haverá de existir enquanto houver as metrópoles. A menos que adotássemos a alternativa revolucionária. O que não é fácil e, em função da enorme quantidade de obstáculos, é altamente improvável de se lograr êxito, graças à força do capital estrangeiro associado a uma burguesia local já perfeitamente aliada aos interesses das metrópoles.

A primeira metade do século XX foi marcada pela ocorrência de duas Guerras chamadas Mundiais. Naturalmente essa denominação deveu-se ao critério econômico e histórico da época de considerar-se “mundo” as grandes metrópoles. Essas guerras tiveram efeitos devastadores na Europa. No caso específico da Segunda Guerra, foi extremamente vantajosa para os Estados Unidos, visto que os norte-americanos participaram da guerra mas não a conheceram em seu território. Logo não conheceram nenhum processo de reconstrução, sendo que sua indústria bélica experimentou um grande crescimento durante e após o segundo conflito. A partir dessa época, a presença americana na América Latina, sob o ponto de vista econômico, tornou-se muito agressiva. Paralelamente ocorreu o declínio do Império Britânico. Assim, as grandes companhias inglesas que fizeram parte da colonização latino-americana e que por sua vez, já substituíam espanhóis e portugueses na exploração das atividades econômicas, foram substituídas pelas grandes empresas americanas que exerceram e ainda exercem seus domínios a partir do Norte e vai se estendendo e dominando toda a parte sul do continente.

Sob este ponto de vista, a economia da América Latina pode ser assim dividida: um campo de subsistência ou dominado pela agroindústria baseada na concentração da terra, isto é, no latifúndio produtivo para atender basicamente a uma agricultura de produtos exportáveis, tais quais tabaco e cana-de-açúcar, sem muita preocupação com a produção de alimentos, os quais sempre estiveram nas mãos de uma pequena parcela de agricultores familiares, mesmo antes de haver essa denominação. Nas grandes cidades foram criados polos industriais, notadamente formados por empresas multinacionais que se estabeleceram nas diversas regiões do continente atraídas pelos baixos custos da mão-de-obra e em muitos casos incentivos fiscais.

Essa ocupação dos países metrópoles fez surgir indústrias têxteis, farmacêuticas, automobilísticas e suas fornecedoras ao longo do continente, observando-se naturalmente as “vocações” locais. Assim, é que grandes mineradoras inglesas passaram a explorar o cobre do Chile, enquanto grandes indústrias automobilísticas, sobretudo alemã e norte-americana ocuparam o Brasil. Essa participação estrangeira em nossa economia só cresceu ao longo do tempo. Inicialmente países que não

tinham uma indústria automobilística desenvolvida como México e Argentina, passaram a tê-las, em função de evitar-se a concentração desses investimentos apenas no território brasileiro. O surgimento de uma indústria local aconteceu de duas formas: iniciativas de empreendedores nativos, os quais em face da pouca disponibilidade de capital e crédito, em sua grande maioria criaram empreendimentos tímidos e fadados a serem sufocados pelo capital estrangeiro, a menos que não lhes criassem obstáculos nem lhes fossem concorrentes. Paralelo a esse pequeno empresariado nativo, houve iniciativas governamentais nacionalistas no sentido de criar-se um modelo de industrialização nacional baseado nos investimentos estatais. Dentro deste modelo, há que se destacar os investimentos do Governo Getúlio Vargas com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Petrobrás.

Desta forma, o processo econômico latino americano ficou basicamente nas mãos das empresas estrangeiras, que dominam desde a produção de alimentos, medicamentos, eletroeletrônicos, metal mecânica, automobilística, etc. Em que pese esses investimentos, a região continua subdesenvolvida. Nos anos 60 e 70 concebeu-se, graças ao trabalho de vários estudiosos, o que veio a chamar-se de Teoria da Dependência. Esta teoria baseada em princípios marxistas, provava que nosso subdesenvolvimento é função do modelo estabelecido pelos países metrópoles, os quais enxergam os periféricos como meros coadjuvantes do jogo econômico mundial. Sob esta ótica, não se deveria esperar que o desenvolvimento viesse por etapas cronológicas, posto que não seria do interesse dos dominadores o desenvolvimento das chamadas periferias. Neste aspecto, Fernando Henrique Cardoso escreveu: “E o Terceiro Mundo? Conceito confuso de serventia cada vez menor, qualifica mais hoje os países “integráveis” aos grandes espaços econômicos regionais: a África do Sahel, América do Sul, principalmente a Andina, América Central e regiões superpovoadas da Ásia Meridional constituem o público alvo deste mundo de desesperança e miséria” (CARDOSO, 1995 p. 11).

À parte esse fatalismo que vemos nos estudiosos do nosso processo de desenvolvimento, respaldados pela realidade econômica de nossa região, observamos que se procurou alternativas que nos livrasse desse destino marcado pelo subdesenvolvimento. Raul Prebisch, economista argentino (1901-1986) foi o precursor do que hoje vem a ser o Mercosul. Ou seja, o pensamento de que mais do que antagonistas, as nações latino-americanas poderiam ser parceiras nas atividades econômicas. A criação de grandes blocos econômicos regionais poderia ser uma importante alternativa de fortalecimento de nossas economias. Infelizmente o Mercosul está em atividade a mais de três décadas e não conseguiu “decolar”, o que mostra que nossos desafios de desenvolvimento nesta região do mundo, são muito graves e exigem

esforços gigantescos.

Enzo Faletto, sociólogo e historiador chileno (1935-2003), em seu famoso ensaio de Interpretação Sociológica “Dependência e Desenvolvimento da América Latina” de 1966, juntamente com Fernando Henrique Cardoso escreveu que

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, parecia que muitos países da América Latina estavam em condições de completar o processo de formação de seu setor industrial e iniciar transformações econômicas capazes de alcançar um desenvolvimento auto-sustentado. Com efeito, depois de reorganizar a produção e os mercados, alterados em consequência da crise de 1929, algumas economias latino-americanas que haviam acumulado divisas em quantidades apreciáveis e que se haviam beneficiado da defesa automática do mercado interno provocada pela guerra, pareciam-se achar-se aptas a completar o ciclo de “substituição de importações” e iniciar, sobre bases sólidas, a etapa de produção de bens de capital, destinada a produzir a diferenciação dos sistemas produtivos (FALETTO & CARDOSO, 1973 p. 9).

Para esses dois estudiosos, nossos países em desenvolvimento não teriam que repetir as histórias e os modelos dos países desenvolvidos. Há diferentes caminhos e esses caminhos dependem das condições históricas e estruturais de cada país. A Teoria da Dependência busca adequar-se aos mais diversos casos e estágios dos diversos países. Fatores como o surgimento do Estado Nacional, o surgimento de uma burguesia exportadora, dependência na situação de enclave na fase de internacionalização do mercado ou da industrialização seriam determinantes para o esboço do modelo local de desenvolvimento e, por consequência, seu sucesso ou seu fracasso. Diferentes nações latino-americanas apresentavam características peculiares que teriam de ser levadas em consideração, tais quais o predomínio oligárquico e a debilidade da classe média na Colômbia, incorporações da classe média à burguesia exportadora da Argentina, às oligarquias no Brasil e à aliança de poder no Uruguai; além do enfraquecimento da classe média em consequência do enfraquecimento das oligarquias no México, Bolívia e Venezuela.

Outras relações importantes e determinantes seriam o acesso da classe média às dominações oligárquicas no Chile e Peru e aos latifundiários e ao enclave na América Central. Todas essas características específicas de cada país, seriam suficientes para estabelecer-se os diferentes graus de modelos de desenvolvimento e estágios alcançados de desenvolvimento nesta imensa colcha de retalhos que é a América Latina. Em pleno século XXI, continua um continente predominantemente agrícola, exportador de *commodities*, com parques industriais dominados pelas multinacionais, importadora de tecnologias, além de países menores que vivem do turismo e de serviços bancários. Obviamente o desenvolvimento desejado para a região ainda está longe de ser alcançado. Essa fraqueza econômica termina por re-

velar-se nos IDH das diversas regiões, onde salvo raras exceções ainda experimentamos todas as mazelas do subdesenvolvimento.

“No plano econômico tem sido frequente condicionar a possibilidade de desenvolvimento na América Latina às perspectivas favoráveis dos produtos de exportações. E tem sido justamente essas áreas que perderam competitividade depois do *boom* da Coréia” (FALETTO & CARDOSO, 1973). Com essa afirmação dos dois estudiosos, passamos a analisar as causas da estagnação e até do declínio de vários países da região, notadamente aqueles que tinham suas matrizes de atividades econômicas baseadas em pouca diversificação, exploração dos recursos minerais, domínio das multinacionais, além de mercados internos bastante frágeis e poucos investimentos em educação, ciência e tecnologia. Notadamente no período a partir dos anos 50, chegando aos nossos dias atuais, a América Latina vem patinando entre crises político-ideológicas, retrocessos democráticos, retrocessos em investimentos nas áreas de educação, ciência e tecnologia, inconsistências nas formulações de modelos nacionais de desenvolvimento e outros.

Por outro lado, o Fordismo, que inicialmente era um conjunto de procedimentos administrativos industriais que visavam o incremento da produtividade e a popularização dos automóveis através de reduções de custos e por consequência, de preços, com padronizações baseadas nos estudos de Frederick Taylor (daí porque essa simbiose em níveis de pisos de fábricas entre o Fordismo e o Taylorismo), automações, linhas de montagens e tudo o mais, cresceu e popularizou-se tanto em nível mundial que acabou por tornar-se um Modelo Econômico que expressa na verdade um *Regime de Acumulação*, que tenta conciliar por determinado tempo as condições de produção e de consumo. O Fordismo divide-se basicamente em duas vertentes: a produção de bens de capital e a produção de bens de consumo. Seu grande impulso deu-se após a Segunda Grande Guerra em praticamente todos os países da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) (LIPIETZ, 1992).

Por conseguinte, haveria uma divisão entre países produtores de bens de capital e de bens de consumo, entendendo-se por bens de capital aqueles que serão utilizados para a produção dos bens de consumo, ou seja, numa expressão simplista, bens de capital são as fábricas das fábricas. Neste contexto é natural que os países da América Latina fossem escolhidos pela Metrópole, que nesta época já eram preponderantemente os Estados Unidos, como o local ideal para a industrialização de bens de consumo, enquanto os bens de capital continuariam a ser produzidos na Metrópole.

Assim, a industrialização latino americana foi constituída basicamente de

indústrias de calçados, vestuários, alimentação e agroindústrias, além da exploração mineral. Esse modelo que tomou corpo no final dos anos 40 e início dos anos 50, tem se estendido até nossos dias, sobretudo com a produção das vinícolas na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, o agronegócio de padrão mundial no Brasil, e as produções de cobre no Chile, gás na Bolívia e petróleo no Brasil. Dentro desta realidade, duas nações se destacam com o desenvolvimento de uma indústria mais forte que as demais e que já apresentam também consideráveis produções de Bens de Capital. O Brasil e o México. Desse modo, é um desenvolvimento baseado praticamente no investimento externo, com as implantações das grandes montadoras automobilísticas, indústrias de produtos eletrônicos e computacionais, todas de origem multinacional. Em que pese esta limitação da inexistência de uma indústria genuinamente latino-americana, é inegável o desenvolvimento que estes investimentos trouxeram e trazem a estes países.

No caso do Brasil, é exemplar o caso da EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica) que foi criada nos Governos Militares como uma empresa estatal, mas que depois foi privatizada e passou para as mãos de fundos de investimentos, especialmente estrangeiros, que injetaram grandes quantidades de capital para desenvolvimento de tecnologias, modernização de produtos e exploração de novos mercados. Digno de citação também são os exemplos da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e da antiga CVRD (Companhia Vale do Rio Doce), atual VALE. Foram empresas estatais criadas para atender as demandas de bens de capital no Brasil e que posteriormente foram privatizadas, passando a ter desempenhos de padrão mundial e grandes geradoras de divisas de exportação. (VELLOSO, 1986). Esses exemplos de sucesso infelizmente são raros em nível do continente da América Católica. A regra aqui são as indústrias de bens de consumo, com produtos de pouca tecnologia e baixos valores agregados. Estes tipos de indústrias são por natureza, Fordistas/Tayloristas.

Mais uma vez citando Brasil e México, pode-se dizer que as empresas mais amadurecidas já estão atuando em segmentos de alta tecnologia incorporada, tais como farmacêutica, eletrônica e de informática. Tudo o acima descrito sobre a indústria latino-americana, não deixa dúvidas que nosso modelo foi e ainda continua preponderantemente sendo o Fordismo Periférico, embora atualmente em função do surgimento dos chamados Tigres Asiáticos no contexto produtivo mundial, a partir dos anos 1990, vieram de certa forma mexer com as estruturas e desenhos geopolíticos da atividade produtiva industrial na nossa região, fazendo com que houvesse de certa forma um encolhimento e uma busca pela especialização ou foco de cada país, até como estratégia de sobrevivência.

Assim, é que países que tinham uma indústria incipiente como o Uruguai, voltaram a ser essencialmente agrícola, a Bolívia passou a viver basicamente da extração do gás e o Chile da produção do cobre. De todos estes, o Chile é que atualmente apresenta uma economia moderna, baseada na pesca e no vinho, deslocando-se de certa forma da dependência do minério. O oposto ocorre na Bolívia, onde a economia nas últimas décadas basicamente gira em torno da produção do gás, mesmo assim com uma deficiência estratégica fatal, já que quase toda a sua produção é vendida ao Brasil e transportada por gasodutos. Nos abstermos de falar da produção cocaleira da Bolívia, Peru, Colômbia e Equador, por questões de foco deste trabalho, embora não possamos deixar de citar a grande e lamentável participação do narcotráfico nas economias desses países. Os países de menores importância na região optaram pela exploração do turismo, a chamada indústria sem chaminé, o que de certa forma por se tratarem de países pequenos foram opções extremamente acertadas e que desfrutaram e ainda desfrutam de um relativo sucesso de acordo com os tamanhos de suas economias.

Não poderíamos falar de industrialização no Brasil, especificamente, sem citar-se ainda que *en passant*, dois grandes pioneiros. Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889) o Barão de Mauá, e Delmiro Augusto da Cruz Gouveia. Seus negócios que iam de estradas de ferro, companhias de navegação e bancos, estenderam-se ao Uruguai e Argentina numa aliança pioneiríssima do que hoje tem-se como modelo o Mercosul (CALDEIRA, 1995). Gouveia (1863-1917) foi o pioneiro da industrialização nordestina que através de uma indústria de linhas de costura verticalizada nos padrões do Fordismo, ainda que muito anterior a este, terminou por conceber a produção de hidroeletricidade, fundamental para o desenvolvimento regional nos anos posteriores. (ROCHA, 1970). O continente latino-americano está recheado de exemplos de visionários nacionalistas que tentaram implantar uma indústria local independente do capital estrangeiro das grandes metrópoles. Em sua esmagadora maioria, seus finais foram trágicos, pois foram sufocados pelas ações imperialistas movidas a consideráveis somas de dinheiro, e em muitos casos, essa ofensiva não se limitou ao extermínio dos negócios, mas ao próprio aniquilamento físico desses pioneiros. Casos típicos que Rosa Luxemburgo classificou como ações do Imperialismo no sentido de garantir sua expansão a partir da Metrópole, em detrimento do desenvolvimento das Colônias. Nesta perspectiva, a história da industrialização do continente latino América está recheada de exemplos dessa ação mais do que opressora, aniquiladora dos neocolonizadores, no sentido de garantir a expansão capitalista do império.

A partir dos anos 80/90 a economia mundial viu surgir o fenômeno da Glo-

balização, ou Mundialização, um grande plano macro estratégico do Capitalismo Mundial, no sentido mais uma vez de garantir sua expansão. Nesta oportunidade, surge também como *players* na economia mundial dois fenômenos importantes: os chamados Tigres Asiáticos, extremamente competitivos, posto que fizeram massivos investimentos em educação nas décadas anteriores e, por outro lado, a China, que apesar de dizer-se comunista, pratica um capitalismo de estado e, podemos afirmar sem medo de errar, um pré-capitalismo espalhado por todo seu vasto território, com trabalho semiescravo. Neste contexto, as grandes empresas do capitalismo mundial, ali estão explorando a mão-de-obra com salários irrisórios e muitas vezes, fábricas que adotam o sistema de confinamento dos seus trabalhadores, que nela permanecem a semana inteira, dormindo em alojamentos coletivos, tendo apenas o fim de semana para visitar seus familiares, normalmente residentes em cidades num raio de 100 km da unidade produtiva. Temos nesses casos dois competidores extremamente fortes. Um dotado de tecnologia e excelente formação intelectual de seus trabalhadores e outro praticando um capitalismo do século XVIII, sob o manto disfarçado do socialismo.

Neste contexto severo para os concorrentes, é mais do que óbvio que a América Latina seria afetada no seu perfil econômico, sobretudo industrial. Dos países da região, seguramente México e Brasil foram os que sofreram menos. Com a política do neoliberalismo econômico, praticamente todas as nações eliminaram as barreiras alfandegárias, permitindo as livres transações comerciais internacionais. Nesta investida quem tem mais capital, leva grandes vantagens competitivas nesses casos. No Brasil, esse fenômeno iniciou-se com o Governo Fernando Collor e estende-se até os dias atuais, independentemente do viés ideológico dos governos que se sucederam. A consequência mais grave desse fenômeno para nós, latino-americanos, é a chamada desindustrialização. Esse tema, de tão complexo, exigiria muitos livros para sua análise completa, sendo, portanto, praticamente impossível analisá-lo num artigo.

Segundo estudos da CEPAL, houve cinco grandes momentos na industrialização latino-americana, os quais por coincidência podem ser classificados por décadas. Anos 50, o início do processo em padrões competitivos; anos 60, as reformas para desobstruir a industrialização; anos 70, o redirecionamento do estilo industrial pró-exportação; anos 80, o ajuste de crescimento; anos 90, transformação produtiva com equidade (BIELSCHOWSKY, 1999). Até aí observava-se que a indústria na região, experimentava momentos de evolução de sua maturidade como atividade econômica. O desastre veio justamente a partir dos anos 2000 com a “invasão asiática”. Basicamente em função das regulamentações trabalhistas e altas cargas tributárias

para manter países com Estados hipertrofiados, tornou-se impossível a competição, gerando em consequência o encerramento de muitas atividades industriais.

Mesmo as grandes empresas aqui instaladas, em grande quantidade de casos, passou a importar seus próprios produtos e apenas distribuí-los por aqui. Como exemplos podemos citar que a América Latina não dispõe mais de nenhuma fábrica de lâmpadas, palitos de dentes ou brinquedos. Tudo passou a ser importado. Por conseguinte, esse é um processo histórico e de difícil reversão, sucedâneo de políticas de proteção às indústrias locais, adotados em praticamente todos os países, principalmente pelos Governos Militares da região, quase todos com discursos nacionalistas. Como povos, nos cabe adaptar e tentar tirar proveito dos aspectos favoráveis, como por exemplo, transferências de tecnologia, introdução de novas tendências de *design* e principalmente, ganhos de eficiência técnica e alocacional (MOREIRA, 1999).

Considerações finais

“Vivemos numa economia global que se caracteriza não apenas pelo livre comércio de bens e serviços, mas principalmente pelo livre movimento de capitais. As taxas de juros, as taxas de câmbio e os preços das ações em vários países estão intimamente relacionados e os mercados financeiros globais exercem tremenda influência sobre as condições econômicas” (SOROS, 1999 p. 21). A participação da indústria brasileira no nosso PIB, que já chegou a 37%, hoje representa míseros 16% (Jornal O Globo, 5/3/2018). Neste contexto não há mais espaço para aquelas indústrias familiares que surgiram no século passado, em sua maioria das vezes, familiares e voltadas para um mercado cativo local. Os mercados podem até continuar locais, entretanto não mais cativos. É comum nesses países, a utilização de produtos importados, até pela falta de similares nacionais. Acima citamos palitos de dentes e lâmpadas, entre outros.

A indústria latino-americana tem passado nas últimas décadas por crises e enormes desafios de sobrevivência. Certamente as condições favoráveis ou não a esses movimentos de resistência, dependem fundamentalmente das políticas econômicas adotadas por cada país, atreladas aos posicionamentos ideológicos. Infelizmente o MERCOSUL, como bloco econômico, não conseguiu decolar nessas quase três décadas de existência, o que termina, por via de consequência, nos passando um panorama pouco animador para a indústria latino-americana que tem hoje o maior desafio de sua história, desde que os primeiros colonizadores europeus instalaram o primeiro alambique de rum na República Dominicana e a primeira fábrica de charutos em Cuba, sobreviver num mercado mundial, de comunicações instan-

tâneas, de capital volátil e mutante de países, a um simples toque digital. Certamente as grandes alternativas econômicas para o futuro do continente serão o agronegócio, e sua agroindústria; o comércio e o turismo.

Referências

- BELCHIOR, A.C. *A Palo Seco*. São Paulo: Chantecler Discos. 1974.
- BIELSCHOWSKY, R. *Vinte anos de Política Econômica*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1999.
- CALDEIRA, J. *Mauá Empresário do Império*. Companhia das Letras: São Paulo. 1995.
- CAMÕES, LUÍS DE. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército. 1980.
- CARDOSO, F.H. *As ideias e seu lugar*. Petrópolis: Editora Vozes. 1995.
- COLOMBO, C. *Diário da Descoberta da América*. São Paulo: Editora L&PM. 2005.
- FALETO, E. & CARDOSO, F. H. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.
- FRANK, A. G. Ensaio O desenvolvimento do Subdesenvolvimento. New York: *Monthly Review*. 1966.
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1976.
- ISO 3166-1. *International Standardization Organization*. Genebra. 1974.
www.iso.org/iso-3166-country Acesso em 2/2/2020.
- JORNAL O GLOBO. Caderno de Economia de 05/03/2018, p.2. São Paulo, SP. 2018.
- LIPIETZ, A. *Towards a new economic order*. London: Oxford University Press. 1992.
- LUXEMBURGO, R. *A Acumulação do Capital*. São Paulo: Editora Zahar. 1976.
- MAQUIAVELLI, N.B. *O Príncipe*. São Paulo: Editora Cultrix. 1988.
- MOREIRA, M.M. *A Economia Brasileira nos Anos 90*. Rio de Janeiro: Editora do BNDES. 1999.

- MOTA, C. G. *A Descoberta da América*. São Paulo: Editora Ática. 2005.
- NÓBREGA, M.F. *O Futuro Chegou – Instituições e Desenvolvimento do Brasil*. São Paulo: Editora Globo. 2005.
- O. E. A. Relatório Anual de 2014. Publicação da OEA. [www.oas.org>comgral>infa-nules](http://www.oas.org/comgral/infa-nules) Acesso em 2/2/2020.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 1975.
- ROCHA, T. *Delmiro Gouveia: O pioneiro de Paulo Afonso*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1970.
- SCHUTRUMPT, J. *Rosa Luxemburgo ou O Preço da Liberdade*. São Paulo: Editora Fundação Rosa Luxemburgo. 2015.
- SOROS, G. *A Crise do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1999.
- VELLOSO, J.P.R. *O último trem para Paris*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1986.
- WOOD, G.S. *A Revolução Americana*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2013.